

# DANTE, JOYCE E O TERCEIRO CÉU

Albérís Eron Flávio de Oliveira

Neste ensaio, refletimos sobre a presença do “Céu” como lugar, na imaginação e nos escritos de três bem conhecidos escritores: Paulo de Tarso, representante do mundo mais antigo, para muitos o grande fundador do cristianismo; Dante Alighieri, com referências saindo direto da idade Média; e James Joyce, escritor Irlandês que, em sua formação, conheceu os textos de Paulo e de Dante, com sua narrativa pertencendo mais diretamente ao mundo moderno.

Pois bem. Começemos por Paulo.

Paulo de Tarso, que depois foi chamado de Saulo, disse ter encontrado um homem que foi arrebatado ao terceiro céu. Isso está escrito na sua segunda carta aos Coríntios.



Na tradição judaico-cristã da época de Paulo, os “céus” não eram apenas espaços físicos, mas também níveis espirituais da realidade, uma espécie de dimensão divina onde residia a presença de Deus. De certa forma, há mais lugares na Bíblia cristã que remetem a esse céu. O próprio Paulo reforça essa ideia em outras cartas como as de Filipenses, Colossenses e Tessalonicenses, por exemplo.

Pelo sistema de Paulo, contudo, o movimento até o céu tratava-se de um movimento de experiência direta com o divino, como o do homem citado na sua carta aos Coríntios.

Agora vamos a Dante.

Em Dante, outro autor que também escreveu sobre o céu, em seu sistema, ele nos apresenta uma espécie de arquitetura, ainda que poética, completa do universo, em que o céu tem espaço muito bem definido.

Pelo que lemos, segundo ele, e pela influência da cosmologia medieval, esse “lugar” seria organizado a partir de esferas celestes em que cada uma delas representava um grau de aproximação de Deus.

Pensemos, agora, em Joyce.

Como disse, ele conhecia bem a história de Paulo, do mesmo modo que conhecia muito bem a história de Dante. Mas, para explicar a ideia de céu que existe na sua obra, eu tomarei como modelo, aspectos diretos da vida e da principal obra de Dante, “A Divina Comédia”.

Nesse ponto, explorar a ideia da existência de um céu – ou de um terceiro céu, como diz Paulo –, é fazê-lo sem esquecer do purgatório e do inferno, lugares muito bem reconhecidos por esses dois renomados autores.

Pois bem.

Quando Joyce tinha 35 anos, ele comentou que era a idade em que Dante, o autor de “A Divina Comédia”, havia entrado na sua noite interior – “the night of his being”. Talvez o período mais maduro de um homem, naquelas palavras.

Joyce então imaginou-se entrando, também, em sua noite interior. Era o período em que ele estava começando a publicar *Ulysses* nas revistas locais em forma de fragmentos: 1918.

Sim, os dois trataram do céu, assim como fez Paulo de Tarso. A mesma temática, visões diferentes.

James Joyce era, de certo modo, parecido com Dante. Os dois tinham problemas na visão – eu me refiro à dificuldade física mesmo, de problemas nos olhos. Como Dante, Joyce conseguia ser cortês e atencioso. Os dois eram reflexivos demais.

Os dois, também, de certo modo, não eram homens ricos. Dante, por exemplo, nasceu em uma família de pequena nobreza, tinha certo prestígio, mas não era alguém que podíamos dizer que era rico.

Dante se envolveu em política, em disputas em Florença e depois seria exilado da cidade. Perdeu bens e o que tinha, como propriedades. Passou a morar em lugares diferentes e a depender da ajuda dos outros. No caso, ele nem podia voltar para sua cidade porque se o fizesse, estaria sob pena de morte.

Joyce também.

Seu pai era de uma certa classe média, vivia muito bem, mas, boêmio, perdeu tudo com o tempo. Seus filhos se dividiram e passaram a enfrentar grandes dificuldades. Joyce, o mais velho, decidiu tentar a vida sozinho, e logo se afastou da família.

Embora amasse a sua mãe, Joyce exilou-se na Europa, e lidou com uma vida de perambulação por cidades e contratos de aluguéis desfeitos. Morou em diversos lugares. Em boa parte de sua vida, dependeu da ajuda de terceiros.

Joyce lidava com Dublin do mesmo modo que Dante lidava com Florença. Os dois amavam suas cidades.

Dante somente passou a ser reconhecido quando da publicação de primeira parte de sua Divina Comédia. O mesmo aconteceu com Joyce com a publicação de Ulisses.

Em Genova, Dante, por causa de sua barba, era contado como alguém que havia descido ao inferno – como constava em seu texto. As marcas – cicatrizes – em seu rosto eram uma prova viva disso, diziam. Joyce, por sua vez, uma vez interpelado por uma senhora, essa o chamou de “o senhor diabo” ou “Herr Satan”, desse modo, empatando com o autor italiano de Florença, também nesse ponto.

De algum modo, também, a formação de Joyce e de Dante são parecidas. Os dois tiveram o sistema eclesiástico como referência. Se Dante adotou a escolástica como uma forma de conciliar fé e razão e organizar seu conhecimento de forma lógica, Joyce fez algo parecido.

Joyce usou esse mesmo método como um recurso intelectual e estrutural. Joyce era de formação jesuíta. Em todo caso, ele optou apenas por usá-la como material cultural e como linguagem intelectual. Não sem sentido, Stephen – outro protagonista em Ulisses – discute o tempo todo conceitos de estética e arte de maneira pontualmente lógica.

Contudo, sobre esse assunto, é bom dizer que Joyce sempre quis se libertar também dessa tradição. As suas referências à teologia, à própria lógica e à filosofia aparecem fragmentadas em seus escritos.

A escolástica para Joyce, portanto, não chega a ser um sistema de pensamento, como o é para Dante: o modelo de Dante é visivelmente hierárquico e ordenado.

Em Joyce, o vemos caótico e múltiplo. Joyce lida com a crise da própria linguagem e de seu sentido, e isso é notório em sua narrativa.

Se Joyce escreveu para revelar o vazio da história moral de seu povo, Dante o fez para colocar os seus contemporâneos em contato com o que havia de mais escondido neles, isto é, para revelar as camadas mais profundas de suas identidades.

Quando começamos a leitura desses dois textos, percebemos que tanto “A Divina Comédia” quanto “Ulisses” começam envoltos em tristeza. O sentimento dominante na primeira parte das duas narrativas apresenta lugares de desconforto. Ambos sabem que há barreiras que precisam ser transpostas e vencidas.

Assim como em Dante, em Joyce a alma de Stephen está mergulhada em depressão e desamparo, confrontada com elementos que parecem o bloquear, ainda que haja, no mesmo cenário, algumas formas de escapar.

No começo de *Ulisses* vemos Stephen, assim como os culpados em Dante, sofrendo pela “ideia de pecado” que os consomem – para além de seus próprios pecados. O que digo é que a ideia do pecado parece ser maior do que os seus próprios pecados. Todo esse sofrimento se dá muito na mente de seus personagens.

Assim como Dante precisou da ajuda de Virgílio para adentrar nos lugares mais recônditos do inferno e do purgatório, em boa medida, em seus personagens principais, Joyce também o fez, sobre a proteção de Homero.

Desse modo, se há alguma correspondência entre as obras dos dois gênios da literatura mundial, a partir da própria estrutura de suas narrativas, esses dados parecem ganhar ainda mais elementos quando lemos no principal biógrafo de Joyce a alusão ao desejo do autor, logo depois da conclusão de *Finnegans Wake*, publicado em 1939, de anunciar o plano de escrever algo mais simples e claro do que *Ulisses* e o próprio *Finnegans Wake*.

É que, pelo que lemos em Ellmann, depois de escrever *Finnegans Wake* em 1939, Joyce queria retornar a formas narrativas mais acessíveis. E caso isso acontecesse, a sua trilogia também estaria completa.

Se isso tivesse acontecido como parece ter sido o desejo de Joyce, estaríamos então, como em Dante, diante de um inferno, de um purgatório e de um céu.

Conforme nos sugere seu biógrafo, teríamos o próprio Ulisses, dado o peso da realidade caótica descrita no enredo como o “inferno”; *Finnegans Wake*, dado o aspecto imaginativo e sombrio, pouco inteligível e opaco, do livro, como o “purgatório”; e a possibilidade e o desejo de ver tudo com transparência, com clareza e com simplicidade, escrito sobre a superfície de uma narrativa mais fácil de ser lida, comum a todo “céu”.

Esse último livro de Joyce, contudo, não se materializou.

Se em Joyce e em Dante essas concepções parecem se espelhar, é bom dizer que no projeto escatológico de Paulo de Tarso, em sua concepção, não havia lugar para purgatório. Para ele tudo era céu ou inferno.

E se Paulo tinha quem o guiasse no plano espiritual, em Dante quem o guiou por dentro do Céu foi Beatriz.

Em Joyce, certamente, caso seu último projeto se realizasse, quem o guiaria em seu projeto de “Céu” seria Nora Barnacle, aquela que foi uma espécie de âncora para ele, aquela que está no centro de sua biografia e sem a qual dificilmente haveria o Joyce que hoje conhecemos.

ALBÉRIS ERON FLÁVIO DE OLIVEIRA é professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no IFRN – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do RN, mestre em literatura e doutor em Língua Portuguesa pela UFRN. Autor de *77 anos desde o diário de Anne Frank: Cartas de Canguaretama ao Mundo*, em 2022.